

**SOZINHAS NO PICO?  
SUPORTES E BARREIRAS PARA O SURFE PRATICADO POR  
MULHERES**

**ARE THEY ALONE IN THE PEAK?  
SUPPORTS AND HOLDERS FOR WOMEN'S SURFING**

**¿SOLAS EN EL PICO?  
SOPORTES Y BARRERAS PARA EL SURF FEMENINO**

**Paula Cristina da Costa Silva**

<https://orcid.org/0000-0002-7788-6503> 

<http://lattes.cnpq.br/1180954428242134> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, ES – Brasil)

letpau13@gmail.com

**Ananda Carvalho Cola**

<https://orcid.org/0009-0003-2730-1161> 

<http://lattes.cnpq.br/4550766857720895> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, ES – Brasil)

anandacola@hotmail.com

**Mariana Zuaneti Martins**

<http://orcid.org/0000-0003-0926-7302> 

<http://lattes.cnpq.br/7281518704205888> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória, ES – Brasil)

lcaramuru@gmail.com

**Resumo**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa-exploratória que teve como objetivo traçar o perfil das surfistas e investigar quais fatores se colocam como suportes e barreiras para a prática do surfe por mulheres na região da Grande Vitória/ES. A metodologia adotada foi a pesquisa de campo com coleta de dados realizada com um formulário eletrônico respondido por 35 mulheres. Adotou-se a análise de conteúdo para interpretação dos dados. Os resultados mostraram que os suportes para a prática do surfe englobam a influência e incentivo de familiares ou amigos e da comunidade local. Já as barreiras circunscrevem-se a falta de tempo, responsabilidades domésticas e acadêmicas, ausência de transporte adequado aliados à percepção de uma presença majoritária de homens nas praias e a discriminação sofrida por parte das participantes. Podemos concluir que o aumento da participação feminina no surfe está acontecendo, porém carece de iniciativas que possam atrair mais mulheres para a modalidade.

**Palavras-chave:** Esporte; Gênero; Esportes de Aventura na Natureza.

**Abstract**

This is one qualitative-exploratory research that aimed to outline the profile of female surfers and investigate which factors serve as supports and barriers to their sports engagement in the metropolitan area of Vitória/ES. The methodology adopted was field research with data collection carried out using a survey answered by 35 women. Content analysis was adopted to interpret the data. The results showed that support for women's surfing includes the influence and encouragement of family or friends and the local community. The barriers are limited to lack of time, domestic and academic responsibilities, lack of adequate transportation combined with the perception of a majority presence of men on the beaches and the discrimination suffered by the participants. We can conclude that



the increase in female participation in surfing is happening, but there is a lack of initiatives that could attract more women to the sport.

**Keywords:** Sport; Gender; Outdoor Adventures Sports.

### Resumen

Se trata de una investigación cualitativa-exploratoria que tuvo como objetivo delinear el perfil de las surfistas e investigar qué barreras y cuales apoyos ayudan la práctica del surf por parte de mujeres en la región metropolitana de Vitória/ES. La metodología adoptada fue la investigación de campo con datos recolidos mediante formulario electrónico respondido por 35 mujeres. Se adoptó el análisis de contenido para interpretar los datos. Los resultados mostraron que el apoyo al surf incluye la influencia y el estímulo de familiares o amigos y de la comunidad local. Las barreras se limitan a la falta de tiempo, responsabilidades domésticas y académicas, falta de transporte adecuado combinado con la percepción de presencia mayoritaria de hombres en las playas y la discriminación que sufren las participantes. Podemos concluir que el aumento de la participación femenina en el surf está ocurriendo, pero faltan iniciativas que puedan atraer a más mujeres al deporte.

**Palabras clave:** Deporte; Género; Deporte de Aventura en la Naturaleza.

## INTRODUÇÃO

A participação de mulheres no surfe tem chamado atenção da mídia, em especial com a entrada dessa modalidade esportiva nos jogos olímpicos de Tokyo, em 2020 (WHEATON; THORPE, 2018). Em contrapartida, as pesquisas sobre essa participação ainda retratam um cenário repleto de desafios enfrentados pelas mulheres para surfar, seja como prática de lazer, ou de forma competitiva (COMLEY, 2016; OLIVE; MCCUAIG; PHILLIPS, 2015; THORPE; OLIVE, 2016). Esses estudos revelam múltiplas formas de sexismo enraizadas na subcultura do surfe, desde práticas históricas e culturais de exclusão até efeitos de ideias heteronormativas e processos de “paternalismo” que diferenciam as mulheres de maneiras sutis e as colocam em situação de inferioridade. Comley (2016) e Olive (2019) demonstram que aquelas mulheres que surfam ainda enfrentam barreiras para inclusão, destacando a necessidade de mudanças culturais nas atitudes e comportamentos dos homens com quem compartilham as ondas. Além disso, as representações tradicionais da participação das mulheres no surfe tendem a reforçar uma feminilidade heteronormativa e jovem, excluindo as outras possibilidades de expressão de gênero no esporte, o que cria barreiras adicionais às mulheres negras, pessoas não binárias, deficientes e iniciantes (KNIJNIK; HORTON; CRUZ, 2010; LISAHUNTER, 2016; NEMANI; THORPE, 2016; THORPE; OLIVE, 2016).

Apesar disso, não há como negar que existe uma luta de mulheres surfistas pelo reconhecimento e visibilidade, como o caso de Maya Gabeira que conquistou reconhecimento internacional por suas habilidades. Entretanto, essa pode ser considerada uma exceção, pois as experiências e desafios das surfistas brasileiras permanecem em grande parte desconhecidos. Enquanto isso, os surfistas brasileiros desfrutam de grande visibilidade na





mídia. Diante disso, podemos apontar que ainda há uma lacuna significativa no conhecimento sobre o cotidiano das surfistas locais e de estudos sobre o tema das mulheres no surfe no âmbito nacional.

Diante desse cenário desafiador, este artigo tem como objetivo traçar o perfil das surfistas e investigar quais fatores se colocam como suportes e barreiras para a prática do surfe por mulheres na região da Grande Vitória/ES. Para isso, mapeamos as praias onde acontece a prática de surfe, traçamos o perfil das surfistas e investigamos quais fatores influenciam a prática do esporte.

## AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO SURFE

Olhar para as relações de gênero no surfe é observar um cenário em transformação e repleto de barreiras. Quando falamos de gênero, estamos nos referindo ao que Scott (1995) descreve como "um componente fundamental das interações sociais baseado nas distinções percebidas entre os sexos, e o gênero é uma maneira primária de expressar as relações de poder" (SCOTT, 1995, p. 21). Essa compreensão de gênero é ancorada na ideia de que as desigualdades entre homens e mulheres têm raízes históricas e culturais, que forjam oportunidades e expectativas comportamentais distintas de acordo com o sexo que a pessoa foi designada ao nascimento, que vão interferir na educação dos corpos (GOELLNER, 2010). Por essa razão, às meninas e às mulheres é dedicado um menor investimento na educação esportiva ao longo da vida.

No entanto, essas expectativas sobre gênero não são estaques, de modo que elas mudam historicamente e contextualmente. Como parte da cultura, o gênero é influenciado por tempos e espaços específicos, de modo que há diversos modos de vivenciar nossa feminilidade e masculinidade (MEYER, 2003). Ditas formas de vivenciar ainda são atravessadas por outros marcadores sociais que podem até ter vivências diferentes segundo o momento da sua vida (WENETZ; MARTINS, 2020). Como resultado, há uma pluralidade de formas de expressão de masculinidades e feminilidades que convivem, se justapõem ou se contradizem.

Embora as mulheres tenham sofrido interdições para a prática esportiva ao longo do século XX (GOELLNER, 2010), o surfe, como um esporte de aventura na natureza (MARINHO, 2017) ganha proeminência em um contexto em que a participação das mulheres nos esportes vinha crescendo, na década de 1960 (DIAS, 2010; THORPE; OLIVE, 2016). Como resultado, as mulheres não sofreram proibição para sua inserção no surfe, diferentemente dos esportes





tradicionais, considerados como área de reserva masculina (DUNNING, 1986), participando de forma não segregada e relativamente equilibrada até a década de 1960.

Nas décadas seguintes, como observado por Souza (2013), o surfe passou por um processo de esportivização, com competições de alto nível, ratificando uma abordagem que privilegiava a força, em lugar da plasticidade, com aprimoramento dos equipamentos e de meios de treinamento, tornando-se uma prática cada vez mais comum tanto para lazer quanto com finalidades competitivas. Esse processo acentuou a disparidade de gênero no surfe, que só veio a se amenizar na segunda metade da década de 1990 (DIAS, 2010).

Um dos motivos para o abrandamento dessa disparidade se remete à surfista Lisa Andersen, que ganhou destaque por suas performances excepcionais, desafiando a representação tradicional de feminilidade no esporte, ao adotar um estilo mais atlético – tendência acompanhada por outras competidoras. Como resultado, as surfistas recusavam a exploração da sexualização de sua imagem como objeto de marketing, priorizando suas habilidades atléticas. Paralelamente, a criação de um órgão específico para o esporte de mulheres contribuiu para reformular a organização das competições, resultando em um aumento no nível competitivo e no interesse comercial no segmento (DIAS, 2010).

Comparando a outras culturas esportivas, o surfe proporciona alguns elementos de resistência na sua história. Em seu surgimento no Brasil, por exemplo, o surfe não privilegiava a estrutura disciplinarizada do treinamento, considerando o ato de surfar uma experiência de contato com o mar. Além disso, os praticantes desenvolviam uma série de hábitos comportamentais, alimentares e de vestuário, que permitia identificar uma autenticidade surfista, vinculada à despreocupação, práticas “naturais” e causalidade (DIAS, 2009). Essas características permitem identificar os surfistas em uma subcultura (BEAL, 1996). Neste caso, compreendemos a subcultura como o agrupamento de jovens de fronteiras não tão delineadas, mas que partilham de estilo comum, que apresentam comportamentos e discursos de resistência ao tradicional, ocupam e circulam pelos mesmos espaços, forjam uma identidade vinculada a uma autenticidade do grupo e, por fim, experimentam reações de marginalização e discriminação social (WILLIAMS, 2007).

Essa subcultura está associada à masculinidade, por valorizar aspectos representados dentro desse universo, como risco e a coragem ao desafiar os limites corporais. As mulheres, em contrapartida, buscaram se posicionar dentro dessa subcultura, muitas vezes destacando suas habilidades ou desafiando estereótipos de feminilidade. Isso sugere que as





noções de masculinidade e feminilidade não são fixas, mas sim moldadas e adaptadas pelas pessoas em diferentes contextos (BEAL, 1996). Portanto, eles podem ser vistos como espaços que permitem diversas expressões de feminilidade que se diferenciam dos padrões dominantes.

No entanto, despeito do crescimento da participação das mulheres, o surfe segue reconhecido como uma prática de domínio masculino (OLIVE, 2016). Assim na esteira de outros esportes de aventura na natureza, observa-se uma influência significativa do marcador de gênero nas oportunidades de acesso e permanência em essas modalidades esportivas (FIGUEIRA; GOELLNER, 2013; THORPE; OLIVE, 2016; URRÁ; SILVA; MARTINS, 2023; WHEATON; THORPE, 2018). Embora existam disputas e desvios, o surfe é uma prática generificadora e generificada, reforçando discursos, valores e práticas que moldam as representações de feminilidades e masculinidades nos corpos do(a)s praticantes, com os homens ocupando uma posição central nessa dinâmica (FIGUEIRA; GOELLNER, 2013).

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Adotamos uma pesquisa qualitativa-exploratória para descrever a forma como as mulheres da Grande Vitória experimentam a participação no surfe. Para a coleta de dados utilizamos um questionário misto com 23 questões, sendo 18 questões fechadas e 5 abertas. Marconi e Lakatos (2003) apontam que o questionário com questões abertas permite ao informante responder livremente, o que possibilita investigações mais profundas. O questionário foi respondido de maneira online, via plataforma do *Google Forms*. Todas as surfistas assinaram virtualmente o termo de consentimento livre e esclarecido para participação na pesquisa e, essa, por sua vez, obteve a aprovação do comitê de ética da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) por meio do parecer consubstanciado, número 4.726.341.

Por conta da pandemia causada pela COVID-19, em 2021, data da coleta de dados, foi necessário adaptar o questionário para o formato virtual. Dessa forma, após identificar os 7 municípios da região da Grande Vitória (Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória), mapeamos as praias a partir de visitas e, em seguida, identificamos as surfistas por meio das plataformas *Whatsapp* e *Instagram*, formando uma rede de contato, no qual o link do formulário foi passado de surfista para surfista.





O questionário foi validado, de acordo com as orientações de Santos e Gheller (2012), nas quais três professoras doutoras, especialistas, avaliaram o conteúdo e a clareza de linguagem do instrumento atribuindo notas de 0 a 10. O prazo para o retorno da avaliação foi de 15 dias. Notas de 0 a 4 classificaram uma questão como sem validade ou confusa e, portanto, deveria ser substituída e submetida novamente ao processo de avaliação; notas de 5 a 7 significaram que uma questão era pouco válida ou pouco clara e, assim, deveria ser ajustada; e notas de 8 a 10 caracterizaram uma questão como válida e clara, sendo mantida no instrumento. Cinco questões foram avaliadas com notas de 5 a 7 e sofreram algum tipo de ajuste. No questionário buscamos tratar de questões relacionadas aos dados socioeconômicos, vivência na modalidade, motivações e dificuldades encontradas pelas participantes na prática do surfe.

A coleta de dados teve início em junho e foi finalizado em julho de 2021, após realizarmos contato com as mulheres que surfam na região. Para encontrarmos as participantes contamos com uma rede de contato existente entre as praticantes, esse mecanismo que funcionava via redes sociais não serviu somente para que elas indicassem umas às outras o formulário da pesquisa, mas também para o contato cotidiano entre as surfistas que a utilizavam para obter informações sobre os melhores picos, organização para surfar juntas, pegar carona, etc. Participaram deste estudo 35 mulheres surfistas, com idade igual ou superior a 18 anos, todas residentes da região da Grande Vitória/ ES.

A análise dos dados foi realizada em duas etapas. A primeira, relacionada aos dados quantitativos, por meio de análise estatística e a segunda, voltada para uma análise qualitativa, feita com base nas orientações de Bardin (2011) que considera como unidade de contexto a resposta completa em cada uma das questões abertas, e como unidades de registro, o destacamento de expressões mais significativas para a construção das respostas. Identificadas as unidades de contexto, e as respectivas unidades de registro, foram estabelecidas categorias, a partir de agrupamento de unidades de registro que contivessem similaridade entre elas, com temas centrais comuns, e que por sua vez, nomearam as categorias.



## PERFIL DAS SURFISTAS, BARREIRAS E SUPORTES APONTADAS PARA A PRÁTICA DO SURFE POR MULHERES

Das 35 surfistas que participaram da pesquisa, 34,3% tinham entre 31 e 40 anos, 31,4% entre 25 e 30 anos, 28,6% entre 18 e 24 anos, uma surfista entre 41 e 50 anos e, também uma surfista maior de 50 anos. Esses dados mostram que a faixa etária predominante corresponde entre 25 e 40 anos, representando 65,7% do total. Em relação a escolaridade das participantes, 51,4% possuem superior completo, 42,9% superior incompleto e 5,7% médio completo.

Grande parte das participantes residem na cidade de Vitória (42,9%), seguidas de Serra (31,4%), Vila Velha (22,9%) e Cariacica (2,9%). Porém, a maioria das surfistas (82,9%) precisa se deslocar da cidade onde residem para praticar o surfe em praias de outras cidades. Quando perguntadas sobre quais praias mais frequentavam, 94,3% das surfistas apontaram Praia de Jacaraípe/Serra, 45,7% disseram Praia Grande/Fundão e 48,6% Praia do Ulé/Guarapari, nesse caso as surfistas puderam marcar mais de uma opção de praias.

No que diz respeito à introdução no mundo do surfe, a maioria começou a praticar o esporte entre os 10 e 15 anos (29%) e entre os 21 e 30 anos (29%). As razões que as levaram a adotar essa prática são bastante variadas: 11 mulheres foram influenciadas e incentivadas por familiares ou amigos, o que mostra a importância do apoio das pessoas próximas; 7 sentiram admiração pela modalidade, 5 foram movidas pela curiosidade, 3 mencionaram que era um sonho pessoal e as demais citaram outros motivos, como afinidade com o mar, busca por superação e atração pela adrenalina. Pereira Neto e colaboradores (2017) observam que o surfe como esporte atrai muitos adeptos devido às diversas sensações e emoções proporcionadas pela prática física em contato com a natureza. Os autores também destacam que o interesse do público por esportes de aventura na natureza surge da vontade de experimentar algo fora da rotina.

A preocupação com o desempenho foi avaliada também, como forma de contrastar as razões do envolvimento com o esporte. As surfistas classificaram com notas de 1 a 5 sua satisfação com sua performance no esporte, sendo "1" muito insatisfeita e "5" muito satisfeita. Uma parcela significativa das participantes indicou sentir-se nem insatisfeita nem satisfeita (42,9%), indicando uma falta de preocupação ou exigência em relação ao próprio desempenho. Essa constatação é corroborada pela razão pela qual praticam surfe, já que todas as participantes (100%) afirmaram praticar apenas por lazer, o que elimina a pressão por um





desempenho de alto nível. Adicionalmente, a maioria delas não competia antes da pandemia de COVID-19, em 2020 (88,6%), reforçando a natureza recreativa de sua prática esportiva.

No que diz respeito à frequência semanal de suas sessões de surfe, observou-se que a maioria das praticantes relatou surfar apenas uma vez por semana (37,1%), sendo a mesma porcentagem das que surfavam duas vezes por semana (37,1%), três vezes por semana (20%), quatro vezes por semana (2,9%) e cinco vezes ou mais por semana (2,9%). Apesar do predomínio de surfistas que praticavam o esporte em poucos dias da semana, muitas delas buscavam compensar essa limitação dedicando considerável tempo à atividade quando visitavam a praia, já que a maioria (45,7%) permanecia na praia por duas horas ou mais.

Uma possível explicação para a baixa frequência de dias de prática do surfe é que a maioria delas (60%) enfrentava dificuldades para ir à praia. Entre os principais obstáculos relatados estão a falta de tempo devido ao trabalho (45,7%), às responsabilidades domésticas (14,3%) e aos compromissos acadêmicos (2,9%); a ausência de transporte adequado (17,1%); a restrição financeira para adquirir equipamentos relacionados ao surfe (5,7%); as responsabilidades com os filhos (2,9%); e a necessidade de motivação e companhia (2,9%). Esses desafios cotidianos podem limitar a disponibilidade das participantes para desfrutar da prática do surfe com maior regularidade.

Outra barreira relatada é a discriminação. A percepção das participantes sobre a demografia nas praias que frequentavam revelou uma prevalência esmagadora de homens. Em uma consulta sobre a presença de homens e mulheres praticando surfe, todas as surfistas apontaram para a predominância masculina no mar, indicando uma ausência significativa de mulheres.

Essa disparidade de gênero é acompanhada por relatos alarmantes de discriminação entre as mulheres surfistas, com 65,7% delas admitindo terem se sentido discriminadas em algum momento. As justificativas para essa discriminação foram sistematizadas em categorias, revelando uma variedade de experiências negativas dentro da comunidade do surfe feminino.

Vale ressaltar que as categorias levaram em consideração os escritos das 35 participantes e foram organizadas a partir das constatações feitas pelas pesquisadoras nas quais cada depoimento poderia perpassar mais de uma única categoria. Portanto, os números de participantes por categorias não correspondem necessariamente ao número de participantes total da pesquisa.





Nesse sentido, nas categorias elencadas, foram constatados diferentes tipos de discriminação como não terem preferência ou prioridade na disputa da onda (8 participantes), se sentirem intimidadas ou diminuídas (8 participantes), se sentirem desconfortáveis pelo uso da vestimenta por conta de assédio (6 participantes), sofrerem com machismo, piadas e comentários machistas, falta de respeito e brincadeiras de mau gosto (6 participantes) e sofrerem com grosseria e/ou ignorância (6 participantes). Do total de 35 participantes 12 não se sentiram discriminadas e somente 1 afirmou que sofreu discriminação no passado, mas hoje não sofre mais com esse problema.

Essas barreiras enfrentadas pelas surfistas capixabas são relatadas amplamente na literatura. Esses desafios cotidianos, aliados à percepção de uma presença majoritária de homens nas praias e ao relato de discriminação por parte delas, evidenciam a existência de um ambiente onde ainda prevalece o sexismo e um espaço dominado por homens (OLIVE, 2016).

O machismo é presente em outros aspectos, demonstrando que as hierarquias de gênero extrapolam o desempenho esportivo. Muitas mulheres relatam sentir-se desconfortáveis devido ao risco de assédio por parte dos homens. Nepomuceno e Monteiro (2019) destacam que neste contexto, os corpos femininos tornam-se objeto da atenção masculina, muitas vezes gerando sentimentos de intimidação e vergonha. Vieira (2007), citado pelos autores, argumenta que as surfistas se veem presas em uma teia de significados historicamente construída, em que são percebidas mais como objetos de desejo e posse do que como atletas ou praticantes da modalidade. Essas barreiras evidenciam as complexidades e desafios enfrentados pelas mulheres no mundo do surfe, em que não apenas a habilidade técnica, mas também questões de gênero e ambiente influenciam sua participação e experiência.

Além disso, devemos levar em conta que existe uma relação de poder entre os gêneros no contexto esportivo (SCOTT, 1995). Apesar do apoio por vezes percebido em algumas circunstâncias, a forma como os homens interagem com as mulheres pode parecer paternalista, tratando-as como diferentes e, portanto, não autênticas como surfistas (OLIVE; MCCUAIG; PHILLIPS, 2015). A oferta de conselhos e apoio por parte dos homens pode ser notada como condescendente e marginalizadora, mesmo que seja bem-intencionada. Olive e colaboradores (2015) evidenciaram que algumas mulheres surfistas relatam sentimentos de humilhação e frustração diante dessas atitudes, destacando como são infantilizadas no mar, mesmo quando tentam ser incluídas pelos homens. Além disso, ao se mostrarem cientes de





serem tratadas de forma diferente, mesmo quando as intenções masculinas eram benevolentes, as mulheres têm questionado a autenticidade de seu status como surfistas, marginalizando-as na comunidade (COMLEY, 2016).

A marginalização leva à dificuldade de negociação de território no surfe e falta de respeito em relação à prioridade na disputa de ondas (COMLEY, 2016; OLIVE, 2019). Juntamente com o machismo, pode estar intrinsecamente ligada ao fenômeno do localismo, uma prática comum em muitas praias frequentadas por surfistas (OLIVE, 2019). O localismo ocorre quando os habituais frequentadores de determinado ponto de surfe estabelecem critérios que determinam quem terá prioridade para surfar. Este comportamento, segundo Dias (2010), às vezes é acompanhado de violência, resultando em uma espécie de monopólio sobre as ondas, em que grupos locais excluem outros, incluindo as mulheres, das oportunidades de surfar, não considerando-as no contexto das arbitrárias regras de acesso ao mar.

Todavia é importante destacar que o localismo articula hierarquias que são mais complexas que o gênero, atravessando-se também de marcadores sociais como etnia, sexualidade, nível de habilidade, prancha de surfe e tipo de corpo (OLIVE, 2019). A exclusão é resultado de uma trama de fatores que envolve o machismo, mas também de práticas culturais que as posicionam como novatas. Nesse sentido, quando pensado face à discussão anterior sobre o apoio paternalista que é dado às mulheres por alguns homens, o localismo se coloca como uma prática de poder que reforça a marginalização das mulheres no surfe, já que são encaradas como menos habilidosas e, portanto, não merecedoras da prioridade da onda.

As surfistas capixabas também foram questionadas sobre os obstáculos que interferem no desenvolvimento do surfe praticado por mulheres, resultando em diversas categorias que ilustram essas barreiras. Destacam-se a falta de incentivo como a categoria mais mencionada (16 participantes), seguida pela necessidade de mais competições, iniciativas e eventos direcionados às surfistas (8 participantes). A união entre as mulheres, o patrocínio e investimento financeiro na modalidade, além da visibilidade por meio de propaganda, também foram apontados por 8 participantes como elementos-chave para promover o crescimento do surfe feminino no Espírito Santo. Ademais, questões relacionadas às ideias feministas como respeito, igualdade de oportunidades e a necessidade de lutar foram destacadas por 2 participantes como necessárias. Essas respostas refletem não apenas as barreiras existentes, mas também indicam direções de reconhecimento, visibilidade e espaço para a promoção do surfe feminino no estado. Entretanto, também obtivemos 1 resposta na qual a participante





afirmou que as mulheres surfistas deveriam deixar de “serem frescas” e outra que respondeu que as mulheres deveriam se dedicar ao esporte. Ou seja, também constatamos as contradições existentes nesse ambiente, mas vale mencionar que se não há o conhecimento da raiz da discriminação feminina no surfe, ideias como as duas últimas não poderão ser superadas.

A partir de afirmações das participantes, vemos que as organizações esportivas também se colocam como barreiras para a prática, uma vez que a maior parte dos apontamentos sobre o que precisava mudar versava sobre sua atuação e promoção de torneios, eventos e demais incentivos. É fundamental direcionar o olhar à forma como instituições esportivas, sejam federações nacionais e ou estaduais, reforçam ou mudam as relações de reconhecimento e visibilidade no surfe feminino (WHEATON; THORPE, 2018). Embora o surfe tenha entrado no programa olímpico, são necessárias medidas mais ativas e abrangentes para mudar as culturas organizacionais e suas dinâmicas de governança. Há um reconhecimento generalizado do crescimento do surfe praticado por mulheres no estado, no entanto, isso se deu diante de uma série de carências e negligências institucionais. Campeonatos, mulheres líderes e igualdade nas condições de premiação e patrocínio entre os gêneros são aspectos fundamentais para valorização do esporte praticado por mulheres. Schwartz e colaboradores (2015) mencionam o oferecimento de provas menores, clínicas de iniciação e até a gratuidade de inscrição para as mulheres, como forma de incentivo à prática do esporte.

Perguntamos às surfistas como elas observam o crescimento do surfe praticado por mulheres no Brasil. As participantes demonstraram diferentes percepções sobre o crescimento do surfe feminino. Algumas afirmaram que veem e acompanham o aumento da participação de mulheres no surfe (16 participantes), enquanto outras destacaram a união e incentivo entre as mulheres como um fator importante (4 participantes). Além disso, mencionaram a maior divulgação, informação e visibilidade da modalidade feminina (4 participantes), bem como a popularização da prática (3 participantes). Também foi citado, por 6 participantes, o interesse crescente das mulheres em aprender a surfar e a presença de maior suporte e oportunidades de aprendizado, como escolinhas. Por fim, 2 participantes ressaltaram a luta das mulheres pela igualdade e pela quebra de paradigmas relacionados às questões de distinção de gêneros.





Dada a história de interdições e os discursos culturais de gênero, o apoio é fundamental para o crescimento da modalidade. O primeiro apoio que garante a inserção no surfe vem da família ou de pessoas próximas, que não só influencia as mulheres a começarem a surfar, mas também desempenha um papel crucial em seu processo de aprendizado. De acordo com as respostas das surfistas, mais da metade das participantes (51,4%) afirmou ter aprendido a surfar com a ajuda de familiares e amigos.

Em seguida, inquerimos sobre o suporte proveniente da comunidade de surfistas. A questão em pauta indagava se elas percebiam apoio por parte da comunidade de surfistas, sem distinção de gênero. Verificou-se que 80% das surfistas afirmaram sentir-se apoiadas. Com base nas justificativas fornecidas, as participantes relataram duas principais formas de apoio dentro da comunidade de surfistas: primeiro, recebem orientações, assistência com equipamentos e são encorajadas por outros membros do grupo; segundo, percebem apoio dentro do próprio círculo do surfe feminino, incluindo amigas surfistas, outras mulheres praticantes e grupos específicos dedicados a mulheres no surfe. Um terceiro grupo de participantes afirmou não ter um contato significativo com a comunidade e não ter vivenciado situações que as levassem a pensar o contrário. Além disso, algumas destacaram a ausência de incentivo e apoio, especialmente para meninas que estão iniciando no surfe. Embora muitas tenham declarado se sentirem apoiadas, 2 observaram a falta de incentivo por parte dos homens.

Sabemos que quando estamos dispostos a iniciar ou nos manter em algum tipo de modalidade esportiva, dicas e instruções de pessoas que já estão naquela modalidade são muito importantes para o processo. Bandeira e Rubio (2011) relatam em seu estudo a experiência de como a pesquisadora aprendeu a surfar para produzir a sua pesquisa, em que o incentivo, as instruções e a ajuda de outros surfistas foram muito necessárias no seu processo de aprendizagem, nesta citação podemos exemplificar o que as autoras expressam “Depois, nos dias calmos, arrisquei chegar ao *“outside”* com ajuda - puxadas e empurrões, rebocadas, gritos de incentivo e acompanhamento e instruções para as situações inesperadas” (BANDEIRA; RUBIO, 2011, p. 100).

Além disso, o apoio de outras mulheres surfistas e de grupos femininos de surfe podem contornar essa dismetria de poder (SCHWARTZ et al., 2016). Knijnik e Cruz (2003) apontam que é cada vez mais comum vermos um grupo de meninas surfistas se reunindo para passar o final de semana na praia “pegando onda”. As mulheres surfistas, conforme discutido por





Nepomuceno e Monteiro (2019) destacam a importância social da presença de outras mulheres na prática do surfe, influenciando positivamente a motivação e promovendo uma rede informal de colaboração entre elas. Os autores ressaltam o papel crucial das relações de apoio mútuo e amizades entre as mulheres surfistas.

Além disso, a unidade entre as mulheres pode se dar pela participação em espaços e grupos femininos. A participação em clubes de surfe femininos pode ser uma forma de contestar o status de marginalização das mulheres, já que surfar em grupo possibilitava ocupar fisicamente um espaço (COMLEY, 2016). Outras pesquisas destacaram como a integração em grupos/clubes esportivos exclusivos para mulheres pode proporcionar o aprimoramento de habilidades e maior visibilidade em esportes tradicionalmente dominados por homens (COMLEY, 2016; KNIJNIK; HORTON; CRUZ, 2010; WAITT, 2008). Embora a participação em clubes exclusivamente femininos possa não desafiar a segregação de gênero no esporte, ela oferece um contexto seguro e acolhedor para as mulheres fortalecerem os laços e se engajarem no esporte (BRADY, 2005; MARTINS; SILVA; MION, 2023).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os objetivos expostos, este estudo teve por finalidade traçar o perfil das mulheres surfistas da região da Grande Vitória e investigar quais fatores colocam-se como apoios e barreiras à prática do surfe feminino.

A pesquisa revela que se trata de um grupo heterogêneo, no que tange à relação com o surfe. A maioria das surfistas começou a praticar surfe entre os 10 e 30 anos, influenciadas por familiares, amigos, admiração pela modalidade e curiosidade. Embora a satisfação com o desempenho no surfe seja variável, a prática é predominantemente recreativa para todas, o que corrobora ao cenário por elas relatado de ausência de competições. A influência e incentivo de familiares ou amigos, além de admiração, curiosidade, adrenalina e gostar do mar foram motivos citados para inserção na modalidade. Além disso, as surfistas praticam a modalidade por lazer, sem intenção de competir no alto rendimento. A frequência semanal de surfe é limitada para muitas devido a obstáculos como falta de tempo, responsabilidades domésticas e financeiras, além da discriminação e intimidação percebidas no ambiente masculino predominante nas praias, questões que evidenciam as distintas oportunidades proporcionados pelas relações de gênero.





A análise das experiências das surfistas mulheres revela a diversidade de estratégias que elas empregam para lidar com as situações encontradas no cotidiano e contestar seu status marginalizado. As surfistas enfrentam desafios para poderem surfar. Enquanto os surfistas homens são percebidos como tendo prioridade nas ondas e diferenciam as mulheres na água. O “localismo”, articulado ao machismo, ainda é um grande obstáculo que é negociado com o apoio advindo da comunidade. No entanto, esse apoio não aparece como suficiente para matizar as relações assimétricas de gênero.

Embora o aumento da participação de meninas e mulheres esteja acontecendo dentro do surfe, ainda são necessárias ações. As surfistas destacaram diversas estratégias para esse aumento continuar, como o incentivo, a união entre as mulheres, ações, eventos e mais respeito. Para elas, para promover o surfe feminino no Espírito Santo são necessários incentivos, mais competições e eventos dedicados e, sobretudo, a união entre as mulheres, investimento financeiro e visibilidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Marília Martins; RUBIO, Kátia. “Do outside”: corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v.25, n. 1, p. 97-110, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.

BEAL, Becky. Alternative masculinity and its effects on gender relations in the subculture of skateboarding. **Journal of sport behavior**, v. 19, n. 3, p. 204-219, 1996.

BRADY, Martha. Creating safe spaces and building social assets for young women in the developing world: A new role for sports. **Women’s studies quarterly**, v. 33, n. 1/2, p. 35-49, 2005.

COMLEY, Cassie. “We have to establish our territory”: how women surfers ‘carve out’ gendered spaces within surfing. **Sport in society**, v. 19, n. 8-9, p. 1289-1298, 2016.

DIAS, Cleber. Novos sonhos de verão sem fim: surfe, mulheres e outros modos de representação. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 32, p. 75-88, 2010.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. O surfe e a moderna tradição brasileira. **Movimento**, v. 15, n. 4, p. 257-286, 2009.

DUNNING, Eric. Sport as a male preserve: Notes on the social sources of masculine identity and its transformations. **Theory, culture & society**, v. 3, n. 1, p. 79-90, 1986.





FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. "Quando você é excluída, você faz o seu": mulheres e skate no Brasil. **Cadernos Pagu**, v. 41, p. 239-264, 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; HORTON, Peter; CRUZ, Livia Oliveira. Rhizomatic bodies, gendered waves: transitional femininities in Brazilian Surf. **Sport in society**, v. 13, n. 7-8, p. 1170-1185, 2010.

LISAHUNTER. Becoming Visible: visual narratives of 'female' as a political position in surfing: the history, perpetuation, and disruption of patriocolonial pedagogies? In: THORPE, Holly; OLIVE, Rebecca (Eds.). **Women in action sport cultures: identity, politics and experience**. Global Culture and Sport Series. London, England: Palgrave Macmillan UK, 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINHO, Alcyane. **Atividades físicas e esportivas e meio ambiente**. Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano 2017. Disponível em: <<http://movimentoevida.org/wp-content/uploads/2017/09/Atividades-Físicas-e-Esportivas-e-Meio-Ambiente.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Bruna Saurin; MION, Maria Paula Louzada. A Iniciação ao futsal de mulheres adultas: construindo coletivamente um espaço seguro para a aprendizagem. **Corpoconsciência**, v. 27, p. 1-16, 2023.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NEMANI, Mihi; THORPE, Holly. The experiences of 'brown' female bodyboarders: negotiating multiple axes of marginality. In: THORPE, Holly; OLIVE, Rebecca (Eds.). **Women in action sport cultures: identity, politics and experience**. Global Culture and Sport Series. London, England: Palgrave Macmillan UK, 2016

NEPOMUCENO, Léo Barbosa, MONTEIRO, Nathália da Silva. Desigualdades de gênero no esporte: narrativas sobre o lugar da mulher no surfe. **Revista brasileira de psicologia do esporte**, v. 9, n. 2, p. 101-116, 2019.

OLIVE, Rebecca. Going surfing/doing research: learning how to negotiate cultural politics from women who surf. **Continuum**, v. 30, n. 2, p. 171-182, 2016.

\_\_\_\_\_. The trouble with newcomers: women, localism and the politics of surfing. **Journal of Australian studies**, v. 43, n. 1, p. 39-54, 2019.





OLIVE, Rebecca; MCCUAIG, Louise; PHILLIPS, Murray G. Women's recreational surfing: a patronising experience. **Sport, education and society**, v. 20, n. 2, p. 258-276, 2015.

PEREIRA NETO, Gerson Paulo e colaboradores. Surfe é estilo de vida: motivação para a prática em mulheres jovens. **Licere**, v. 20, n. 1, p. 115-139, 2017.

SANTOS, Saray Giovana; GHELLER, Rodrigo Ghedini. Construção e validação de instrumentos para coleta. In: SANTOS, Saray Giovana (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplicada à educação física**. Florianópolis, SC: Tribo da Ilha, 2012.

SCHWARTZ, Gisele Maria e colaboradores. Estratégias de participação da mulher nos esportes de aventura. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 38, p. 156-162, 2016.

SOUZA, Pedro Caetano. Surf: do desenvolvimento histórico ao profissionalismo. **Revista acta brasileira do movimento humano**, v. 3, n. 3, p. 84-98, 2013.

THORPE, Holly; OLIVE, Rebecca. Introduction: Contextualizing Women in Action Sport Cultures. In: THORPE, Holly; OLIVE, Rebecca (Eds.). **Women in action sport cultures: identity, politics and experience**. Global Culture and Sport Series. London, England: Palgrave Macmillan UK, 2016.

URRA, Silvia; SILVA, Bruna Saurin; MARTINS, Mariana Zuaneti. Diferentes sentidos para uma mesma paixão: negociações de gênero das mulheres no skate. **Diversidade e educação**, v. 11, n. 2, p. 295-327, 2023.

WAITT, Gordon. 'Killing waves': surfing, space and gender. **Social & cultural geography**, v. 9, n. 1, p. 75-94, 2008.

WENETZ, Ileana; MARTINS, Mariana Zuaneti. Gênero e etnografia: implicações teórico-metodológicas para pesquisar nas práticas educacionais. **Revista fórum identidades**, v. 32, n. 1, p. 115-130, 2020.

WHEATON, Belinda; THORPE, Holly. Action sports, the olympic games, and the opportunities and challenges for gender equity: the cases of surfing and skateboarding. **Journal of sport and social issues**, v. 42, n. 5, p. 315-342, 2018.

WILLIAMS, J. Patrick. Youth-subcultural studies: sociological traditions and core concepts. **Sociology compass**, v. 1, n. 2, p. 572-593, 2007.

#### **Dados da primeira autora:**

Email: letpau13@gmail.com

Endereço: Avenida Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, Goiabeiras, Vitória, ES, CEP: 29.075-810, Brasil.

Recebido em: 28/02/2024

Aprovado em: 01/04/2024



**Como citar este artigo:**

COSTA, Paula Crista da Costa; COLA; Ananda Carvalho; MARTINS, Mariana Zuaneti. Sozinhas no pico? Suportes e barreiras para o surfe praticado por mulheres. **Corpoconsciência**, v. 28, e.17220, p. 1-17, 2024.

